

DECOLONIALIDADE E PÓS-HUMANISMO NA (MÍDIA) EDUCAÇÃO: MAPEANDO SONS, CORPOS E TECNOLOGIAS NA ESCOLA¹

Lyana Virgínia Thédiga de Miranda,
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

RESUMO

O texto apresenta uma Sequência Didática de Investigação (SDI) mídia-educativa e como ela pode se valer da decolonialidade e do pós-humanismo na escola. Em uma abordagem etnográfica, o resultado mapeia os emaranhamentos na SDI e conclui apontando o corpo e a habilidade de resposta como horizontes para a ME.

PALAVRAS-CHAVE: decolonialidade; pós-humanismo; mídia-educação; corpo

INTRODUÇÃO

A crise social, ambiental e epistêmica que vivemos, acentuada pela crise sanitária da Covid-19, fez o campo da educação buscar alternativas para repensar a agência humana ocidentalizada como o centro do processo educacional (PISCHETOLA; MIRANDA; ALBUQUERQUE, 2021). Nesse esforço, despontam duas correntes pedagógicas: a decolonial e a pós-humana. A Pedagogia Decolonial (PD) busca um ensino-aprendizagem socialmente justo e que questione e rompa com o eurocentrismo e neoliberalismo no Sul Global (WALSH; OLIVEIRA; CANDAU, 2018). A Pedagogia Pós-humana (PPH) rompe com o humano como agente central do conhecimento, ressaltando a ecologia do processo de ensino-aprendizagem (DOLPHIJN; VAN DER TUIN, 2012).

Elas não são diretamente compatíveis, nem facilmente relacionáveis (ZEMBYLAS, 2018). Ainda assim, consideramos que uma “conversa” entre elas possa ser interessante para a mídia-educação (ME). Com isso, nosso objetivo é mapear os emaranhamentos ocorridos em uma Sequência Didática de Investigação (SDI) pautada na ME, buscando compreender como esta pode se valer do pensamento decolonial e pós-humano na escola, nesse caso com adolescentes estudantes de um curso de educação profissionalizante em produção audiovisual.

¹ O presente trabalho contou com apoio financeiro do Programa Pós-Doutorado Nota 10 da Faperj.

PEDAGOGIAS DECOLONIAL E PÓS-HUMANA: PONTOS DE CONTATO

A PD e a PPH se encontram principalmente em três pontos. Primeiro na *pluriversalização* do conhecimento (ZEMBYLAS, 2018, p. 264), que as configuram como ponto de partida de pedagogias “outras”. Decolonizar e descentralizar mira a pedagogia, mas também o currículo, a escolaridade, a política educacional, e, claro, o ensino e a aprendizagem. Para a PPH, novas compreensões da matéria como ontologicamente indeterminada – a ideia que maneiras situadas e emaranhadas de conhecer e ser são, elas mesmas, práticas materiais com consequências materiais – se constituem como práticas nômades de subjetividade (DOLPHIJN; VAN DER TUIN, 2012), ou seja, um espaço alternativo e criativo de devir que busca superar suposições persistentes da versão única do humano do/no humanismo ocidental.

O *corpo* é o segundo ponto de contato entre PD e PPH. No pós-humanismo ele é um complexo que se faz e refaz por meio das relações, entre elas a de poder (BOZALEKE et. al., 2021). Esse olhar busca desconstruir a dualidade corpo/mente, aproximando-se mais uma vez da decolonialidade que postula a importância do corpo-território ou corpo-política do conhecimento (MIGNOLO, 2017). Uma junção importante para essa pesquisa é o *corpo-sonoro*, onde o som não é só uma experiência auditiva, assim como o corpo não é um inconsciente biológico. O corpo-sonoro é um encontro afetivo, um agente que na relação com os sons nos “desafia, questiona, desmonta as certezas do ‘eu’ colonial/moderno” (CASTELLANOS; TORO, 2020, P. 159).

Para o pós-humanismo, os afetos são parte fundamental da produção de conhecimento, que se atualiza na relação pela capacidade do corpo de afetar e ser afetado (BOZALEKE et. al., 2021). Na decolonialidade, afetos instauram uma “sensibilidade de mundo” que, juntamente com os próprios campos sensoriais, foram bloqueados pela epistemologia ocidental onde os corpos foram “inscritos na e pelas línguas modernas coloniais” (MIGNOLO, 2017, p. 20). O *afeto* é o terceiro ponto de contato que propomos entre PD e PPH.

PD, PPH E MÍDIA-EDUCAÇÃO

A abordagem decolonial não chega a ser uma novidade nos estudos da educação com a comunicação na América Latina. Desde a década de 1970, educadores como Paulo Freire

(Brasil), Mario Kaplun (Argentina) e Jesus Martín-Barbero (Colômbia) cunharam um quadro teórico-metodológico original, crítico e adequado às características e necessidades regionais. Contudo, com forte acento sociocultural ou construtivista social, nessa perspectiva mídias e tecnologias foram, e são, concebíveis apenas em termos da ação humana.

Na ME, a matéria, como as tecnologias, é uma mediadora da prática humana e moderada pela intervenção humana (FANTIN, 2011). Nessa abordagem, humanos e não-humanos *interagem*, mas os significados e funções das tecnologias nessas interações privilegiam só o ponto de vista epistemológico humano. O foco na mediação entre sujeito e objeto, mente e mundo, sustentam a separação entre o signo ideal/material (sociocultural), e entre a representação material/mental (construtivista). No pós-humanismo e, podemos dizer, também na decolonialidade, as tecnologias não são meras mediadoras. Elas *intra-agem* e constroem realidades em uma “constituição mútua de agências emaranhadas” (BARAD, 2007, p. 33)

Para Buckingham (2017), no interesse da ME a *agência* costuma ser um conceito utilizado em oposição à *estrutura*, esta com o foco no poder da mídia e aquela no poder das audiências – dualidade que pauta das lentes teóricas às análises. O poder, aí, é sinônimo de posse. Citando especificamente a teoria ator-rede, Buckingham aponta a necessidade de uma mudança nos estudos e práticas mídia-educativas enfocando a construção relacional de sujeitos e ambientes, em ações específicas *com* as mídias, e considerando a ecologia circunscrita nessas práticas que envolvem igualmente humanos e não-humanos.

METODOLOGIA

A SDI foi proposta seguindo as dimensões da ME que a classifica como ferramenta pedagógica e objeto de estudo, educando *com*, *sobre* e *através* das mídias (FANTIN, 2011). Foi realizada na disciplina “Fundamentos do Áudio”, no curso Técnico em Produção de Áudio e Vídeo integrado ao ensino médio (EM), do Instituto Federal de Brasília, situado na periferia desta cidade, para 4 turmas do 1º ano do EM, cada uma com cerca de 45 estudantes, com aulas semanais de 1h40. As aulas tiveram três fases: apresentação do conteúdo (professora e/ou estudantes); produção (midiática), debate.

Quadro 1 – SDI

CONTEÚDO	PRODUÇÃO	DEBATE
Os sons na/da escola Exibição do filme <i>Vermelho como o céu</i> (Cristiano Bortone, Itália, 2006)	-	Tema (T): Colonização do som Questão Disparadora (QD): Os sons característico daqui e na escola do filme são comuns? Por quê?
Paisagem sonora da escola	Estudante vendado/a pela escola; grupo escolhe um local para “coletar” o som e registrar uma foto desse local	T: Relação som + espaço QD: Conseguiram identificar o lugar só pelo som? Por que a paisagem da escola é construída dessa forma?
Paisagem sonora na cidade	Professora apresenta sons de locais que devem ser “adivinhados”. Estudantes escolhem um local para representar em desenhos	T: Relação som + espaço QD: Como é a paisagem sonora dos lugares/cidades/países? Ela é construída ou herdada?
Os sons do cotidiano Exibição do curta <i>De Lá pra Cá</i> (Frederico Pinto, Poa, 2011)	-	T: Contando histórias só com o sons (narrativas sonoras) QD: O cotidiano do casal é diferente do nosso?
Narrativas sonoras (NS) 1	Produção da NS usando a técnica de Foley	T: Os sons e suas histórias QD: Como foi produzir os sons? Quais materiais usaram e como foi trabalhar com eles?
Narrativas sonoras 2	Criação do mural com as NS para exposição no pátio da escola. Criação de sinopses, QR Code’s e impressão do material	T: Compartilhando histórias QD: Como as tecnologias auxiliaram?

Fonte: Autora

A pesquisa foi etnográfica e tomou as intra-ações como unidades metodológicas centrais (BARAD, 2007). Três vinhetas etnográficas, registradas no diário de campo, nos ajudam a mapear os emaranhamentos ocorridos na SDI. São elas:

1) *Terror/suspense na/da escola* – Nas narrativas sonoras, apenas uma turma optou pelo tema livre. Nela, os grupos escolheram contar histórias de suspense/ terror, com sons de tiros, explosões e perseguições, tendo a escola ou a casa como cenário. Um aluno disse que era mais interessante reproduzir, em sons, as cenas das séries do Netflix. Um colega rebateu: “que nada, professora, é porque ele está acostumado a ouvir tiros”. Todos riram.

2) *A aula “de verdade”* – Os grupos estavam espalhados pela sala, fazendo várias atividades ao mesmo tempo para a construção do mural. Nesse momento um aluno de outra turma entrou

na sala. Perguntei o que ele fazia ali e ele disse que estava passando e resolveu entrar. Disse que estávamos tendo aula. Ele me olhou e com um risinho de canto de boca disse: “ah professora, isso não é uma aula de verdade, né?!”. “O que é uma ‘aula de verdade?’”, perguntei. “Você deveria estar aqui na frente e os alunos sentados. E, claro, em silêncio”. Outra risadinha e seguiu o rumo da sala dele.

3) *A sirene* – “Quais são os sons característicos da escola?”. A resposta para essa questão disparadora foi uníssona: o som da sirene. Ela marca o início, as trocas e o fim das aulas, mas também “irrita”, “assusta”, “dá ansiedade” e “dor de cabeça”, disseram os/as estudantes. A reclamação foi tema na Reunião de Colegiado, mas o som continuou ecoando, sem alteração. Segundo a direção, a sirene era “fundamental para a organização do tempo e das atividades desenvolvidas no campus”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As vinhetas mostram diferentes eventos em que os sons da escola moldam a capacidade do corpo-sonoro de agir, sentir, pensar e experimentar. Elas não enfatizam a criação do significado, mas destacam o que os sons fazem em oposição ao que normalmente significam na/para a escola. Os sons de tiros não agridem, inventam; o silêncio não ensina, entedia; a sirene não organiza, incomoda.

Percebe-se que as minhas escolhas e exclusões na SDI, ou cortes metodológicos, potencializam os afetos, tornando legível a série de emaranhamentos que fazem as/os estudantes materializarem-se, p. ex., em ações criativas. Quando nessa intra-ação eu “deixo” os/as estudantes se relacionarem com o celular, todos/as podem criar e propagar os sons das NS, e todos criam. Mas, se não permito, estudantes e celular são silenciados na aula, e todos emudecem.

Também percebemos que PD e a PPH mobilizam uma mudança em como abordamos nossa pesquisa e prática em ME. Ao focarmos nos pontos de contato entre PD e PPH, ressaltamos a dimensão do educar *com* as mídias e tecnologias, considerando que as agências emergem de emaranhados material-discursivos constituídos em relações humanas e não-humanas. Ao contrário, as dimensões do *sobre* e *através* podem reforçar a separação sujeito (cognoscente) e objeto (determinado) privilegiando a construção de significado centrada no humano (ocidentalizado).

CONCLUSÃO

A SDI nos permitiu mapear os emaranhamentos dos múltiplos agentes e abriu duas possibilidades para a ME. A primeira diz respeito ao lugar do corpo na ME – nesse caso o corpo-sonoro – de forma a destacar a natureza performativa das práticas *com* as mídias e tecnologias. Numa visão ecológica, a ontologia da vida conjuga dimensões epistemológicas onde o conhecimento só pode surgir como um processo relacional que integra mente e corpo.

A segunda diz respeito à habilidade de resposta do/a mídia-educador/a pela delimitação de fronteiras do que vai ser ensinado e como serão as propostas. Esse corte metodológico pode reconfigurar dualidades como sujeitos e objetos, reafirmando determinadas propriedades e significados da agência humana, ou modificá-las. Na ecologia, partes da relação tornam-se acessíveis umas às outras de várias maneiras humanas e não-humanas.

Enquanto professores/as-pesquisadores/as, tornamos visíveis certos e novos mundos quando nos responsabilizamos por torná-los inteligíveis e, por extensão, encorajá-los. É o que propõe a PD e a PPH à ME.

REFERÊNCIAS

BARAD, K. **Meeting the universe halfway: Quantum physics and the entanglement of matter and meaning**. Durham: Duke University Press, 2007

BOZALEK, V. *et al.* **Socially Just Pedagogies: Posthumanist, Feminist and Materialist Perspectives in Higher Education**. London: Bloomsbury Academic, 2021

BUCKINGHAM, D. Media Theory 101: Agency. **Journal of Media Literacy** 64, n 1&2, 2017

CASTELLANOS, D.; TORO, R. Decolonial Listening: Sonorous Bodies and the Urban Unconscious in Mexico City. **Border-Listening/ Escucha-Liminal**, v 1, 2020

FANTIN, M. Mídia-educação: aspectos históricos e teórico-metodológicos. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, 14(1): 27-40, 2011

MIGNOLO, W. Desafios Decoloniais hoje. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu/PR, 1 (1), 2017.

PISCHETOLA, M., MIRANDA, L. & ALBUQUERQUE, P. The Invisible Made Visible through Technologies' Agency: a Sociomaterial Inquiry on Emergency Remote Teaching in Higher Education. **Learning, Media and Technology**, 2021



WALSH, C.; OLIVEIRA, L.; CANDAU, V. M. Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra. **Arquivos Analíticos de Políticas educativas**, 26(83), 2018

ZEMBYLAS, M. The Entanglement of Decolonial and Posthuman Perspectives: Tensions and Implications for Curriculum and Pedagogy in Higher Education, **Parallax**, 24:3, 2018

DECOLONIAL AND POSTHUMAN TURN IN (MEDIA) EDUCATION: MAPPING SOUNDS, BODIES AND TECNOLOGIES ON SCHOOL

ABSTRACT

This paper presents a media educative didactics inquire sequence and how the decolonial and posthuman turn can enable it on school. Through an ethnographic-based method the entanglement is highlighted such a result and body and response-ability are promulgated as a horizon from media education.

KEYWORDS: *decolonialism; posthuman; media education; body*

EL GIRO DECOLONIAL Y POSTHUMANO EN LA EDUCACION (MEDIATICA): MAPEO DE SONIDOS, CUERPOS Y TECNOLOGÍAS EN LA ESCUELA

RESUMEN

Este artículo mapea el entrelazamiento en una didáctica educativa mediática que indaga en la secuencia basada en el método etnográfico y cómo el giro decolonial y posthumano puede habilitarlo en la escuela. El resultado promulga cuerpo y capacidad de respuesta como horizontes desde la educación mediática.

PALABRAS CLAVES: *giro decolonial; posthumano; educación mediática; cuerpo*

